



22132059



PORTUGUESE A: LANGUAGE AND LITERATURE – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A : LANGUE ET LITTÉRATURE – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A: LENGUA Y LITERATURA – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Wednesday 8 May 2013 (morning)
Mercredi 8 mai 2013 (matin)
Miércoles 8 de mayo de 2013 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write an analysis on one text only.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez une analyse d'un seul texte.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un análisis de un solo texto.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

Escreva uma análise sobre **um** dos seguintes textos. Inclua comentários sobre a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.

Texto 1

Grande pedalada

Um engenheiro de estradas percorre o país de bicicleta durante quatro meses



- Na vida de Paulo Guerra dos Santos, 37 anos, há um a.b. e um d.b. Antes de 2006, não existiam as bicicletas, no seu dia-a-dia. Um intercâmbio, na Holanda, fê-lo passar a olhar este veículo com outros olhos. Mas o d.b., leia-se depois da bicicleta, deu-se realmente em 2008, quando, para fazer a tese de mestrado sobre mobilidade, arrumou o automóvel na garagem e passou a deslocar-se sobre duas rodas, em Lisboa. “Acho que cerca de 80% do meu stresse diário desapareceu”, regista este engenheiro de estradas. Além de ter poupado uma média de 150 a 200 euros por mês, entre combustível e desgaste do carro, e perdido seis quilos. Sem esforço. “Sinto-me muito mais dinâmico, activo e com energia.” Tudo isto à custa de um pequeno investimento de 300 euros, numa boa bicicleta.
- 5
- 10 Energia não lhe há de faltar, de facto, porque, no próximo dia 22, partirá, sozinho, pelos caminhos de Portugal. Nesta viagem, a que chamou “100 Dias de Bicicleta por Portugal”, conta percorrer cerca de 4 mil quilómetros, a uma média de 30 a 40 por dia. Nos seus planos pouco rígidos, as saídas dar-se-ão logo pela manhã, para fugir ao calor do verão. E em duas horas, mais coisa menos coisa, pensa chegar à paragem seguinte.
- 15 “Não pedi apoio financeiro. Tirei quatro meses de licença sem vencimento para investir neste projecto para a comunidade.” Tudo em nome da promoção deste meio de transporte e de suas vantagens.



Executivo em bicicleta

O projeto não vai sair caro, crê Paulo Guerra. Tem-se esforçado para que assim seja, pedindo patrocínios e, acima de tudo, um sofá para dormir em cada paragem. “Em Portugal, há 20 mil *couchsurfers*¹, por isso espero nunca ter de ir para uma pensão ou para um hotel, uma das partes mais estimulantes do desafio é estar com as pessoas, partilhar e privar com famílias de todo o País.” Se, atrás disso, vier comida e roupa lavada, então Paulo ficará ainda mais grato. É que, para fazer este périplo por Portugal, a sua bicicleta não pode ir sobrecarregada com mantimentos ou artigos de toilette. Mesmo assim, já faz contas a mais 30 quilos suplementares: muita água, roupa para uma semana (daí precisar de a lavar), um portátil para alimentar o seu blogue (www.100diasdebicicletaemp Portugal.blogspot.com) e a página do facebook, material para reparar algum furo ou avaria e protetor solar. Embora possa cruzar-se algum dia com a verdadeira Volta a Portugal em Bicicleta, não haverá perigo de pensarem que Paulo é uma ovelha tresmalhada do rebanho. O ciclista não andar

de calções de licra, camisola² amarela e capacete, mas, sim, vestido como um jovem executivo. Com boné e óculos escuros para se proteger do sol.

Conta regressar a Lisboa no dia 22 de Setembro, ao ponto de partida, junto da Torre de Belém, recheado de informação.

“Não conheço mais de metade das cidades por onde vou passar. Além de privar com as pessoas, posso também perceber como estão as vias rodoviárias em Portugal.” Lá por andar deslumbrado com o facto de tocar, cheirar e sentir a realidade de forma diferente, do alto da sua bicicleta, Paulo nunca se esquece de que a sua formação de base é engenharia de estradas.

Revista Visão Portugal (2010)

¹ couchsurfers: pessoas ligadas a uma rede mundial de apoio a mochileiros/viajantes

² camisola: camiseta no Brasil

- Comente a importância do título para a compreensão e persuasão do leitor.
- Explore os aspectos de linguagem utilizados para atrair a audiência.



Texto 2

Escutatório

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil. Diz Alberto Caeiro que “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma”. Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia. Parafraseio o Alberto Caeiro: “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito; é preciso também que haja silêncio dentro da alma”. Daí a dificuldade: a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos...

Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos estimulado pela revolução de 64. Contou-me de sua experiência com os índios: reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio (os pianistas, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio. Expulsando todas as idéias estranhas). Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio. Falar logo em seguida seria um grande desrespeito, pois o outro falou os seus pensamentos, pensamentos que ele julgava essenciais. São-me estranhos. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se eu falar logo a seguir, são duas as possibilidades:

Primeira: “Fiquei em silêncio só por delicadeza. Na verdade, não ouvi o que você falou. Enquanto você falava, eu pensava nas coisas que iria falar quando você terminasse sua (tola) fala. Falo como se você não tivesse falado”.

Segunda: “Ouvi o que você falou. Mas isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo. É coisa velha para mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou”.

Em ambos os casos, estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada. O longo silêncio quer dizer: “Estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou”. E assim vai a reunião.

Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia.

Eu comecei a ouvir. Fernando Pessoa conhecia a experiência e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras, no lugar onde não há palavras. A música acontece no silêncio. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar – quem faz mergulho sabe – a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar. Para mim, Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

Rubem Alves, *O Amor que Acende a Lua* (1999)

- Comente na importância do tom para a compreensão da temática e persuasão do leitor.
 - Examine o papel do narrador como um recurso determinante da linguagem e do texto.
-